

**Novas configurações de linguagens, saberes e práticas:
a diversidade das mídias comunicacionais e as mudanças paradigmáticas**

Ângela Álvares Correia Dias¹

Edemir Jose Pulita²

Resumo: Este artigo visa uma reflexão partindo da atual afluência das mídias comunicacionais e de uma nova configuração epistemológica na interface entre linguagens, saberes e comunicação. Tais fatores nos levam a reconhecer novas formas de produção, de acesso e de socialização dos saberes, conhecimentos estes, atualmente organizados em fluxo, de modo rizomático e abertos a novas contribuições e apropriações se analisados a partir da diversidade de mídias comunicacionais eletrônicas e digitais disponíveis no âmbito educacional e fora dele. A escola e a educação são impactadas diretamente por tais mudanças em “rede”, com uma linguagem e uma dinâmica que lhes são próprias e muitas vezes estranhas ao sistema educacional e pedagógico. A proposta de análise do conceito de hipertexto como uma metáfora integradora das principais características destas novas formas de linguagem e da arquitetura do conhecimento, baseada nas categorias bakhtinianas de dialogismo e polifonia, apontam para mudanças conceituais e epistemológicas nas formas de ler, de escrever e de se comunicar. Por meio de uma Oficina oferecida como um evento de extensão a Professores da Rede de Ensino do Distrito Federal, analisamos os impactos desta discussão vinculados à necessidade de novas práticas educacionais que permitam a compreensão e problematização dos novos paradigmas educacionais.

Palavras-chave: Hipertexto, mídias comunicacionais e processos educacionais.

1- Introdução

A rápida ampliação e difusão das novas tecnologias de comunicação e informação têm sido um elemento significativo nas transformações sociais, culturais e políticas que marcam a complexa e diversificada condição do mundo contemporâneo. A complexidade dessa realidade afeta todas as instâncias da vida social, envolvendo simultaneamente várias mudanças no âmbito das relações de produção, circulação,

¹ Professora da Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB

² Doutorando em Educação – UnB – Bolsista CAPES

consumo e uso de bens materiais e culturais, alterando nossas ações e práticas cotidianas.

Libâneo (2005) menciona alguns aspectos destas transformações que têm permeado as nossas sociedades contemporâneas e que interferem na construção do conhecimento e nos processos comunicacionais. Dentre esses, destacamos a importância de reconhecermos a diversidade cultural dentro da sociedade, rejeitando-se, assim, a aceitar uma cultura única e homogênea, em que os diferentes grupos possam expressar seus desejos e desenvolver suas identidades.

Nesse contexto, repleto de múltiplas e diversas linguagens que permeiam a nossa sociedade, o ciberespaço, como um novo "espaço do saber" ganha destaque substancial, na medida em que, um contingente enorme de pessoas é convocado a aprender e a produzir novos conhecimentos - o que implica um reconhecimento de diferentes formas de escrever e representar a realidade e de expressar os imaginários.

Citando especificamente a internet, Aires (2003, p. 32), aponta que ela é um espaço privilegiado para tais trocas e compartilhamento de experiências. Porém este autor também alerta que ela “é também um universo onde coexistem galáxias de silêncio e de polifonia sustentadas pelas assimetrias no acesso à tecnologia e nas capacidades necessárias à distinção entre o simples acesso à informação e o processo de seleção e apropriação.” Este é um dos maiores desafios que a educação – em todas as suas formas, modalidades e instâncias - do século 21 terá que enfrentar.

O hipertexto, aqui apresentado como nova forma de arquitetura e organização da produção e socialização do conhecimento, coaduna com a concepção de linguagem na ótica bakhtiniana, tendo como principais pressupostos o dialogismo e a polifonia.

A hipertextualidade aparece como uma especificação das relações dialógicas presentes nas estruturas hipertextuais. Ao refletir acerca do hipertexto, percebe-se que o diálogo com outros enunciados é determinado de forma distinta, não trazendo o fragmento de outros textos para o interior de um enunciado, mas utilizando nós remissivos. (FERRAZ, 2009, p. 09)

Percebe-se explicitamente o rompimento que acontece da arquitetura hipertextual do conhecimento com as formas anteriores, mesmo sem as negar ou excluir deste processo. Antes havia uma tendência em privilegiar uma “narrativa contínua e

sequencial das imagens e textos escritos (...). Sua temporalidade e espacialidade, expressa em imagens e textos nas telas, estão diretamente relacionadas ao momento de sua apresentação”, agora as novas composições são “verticais, descontínuas, móveis e imediatas as imagens e textos digitalizados a partir da conversão das informações em bytes, têm o seu próprio tempo, seu próprio espaço: o tempo e o espaço fenomênico da exposição.” (KENSKI, 1999, p. 42)

Fica desta forma notório, como afirma Alonso (2008, p. 755) que “os novos processos comunicacionais produziram percepções e construções diferentes quanto à produção e à socialização dos conhecimentos historicamente acumulados.” Tais modificações representam novas formas de acesso ao saber e nova estruturação arquitetônica, as quais exigem transformações paradigmáticas e epistemológicas.

Esta nova organização exige novos modelos para compreensão do fenômeno em si e de suas consequências para os envolvidos, principalmente dado aos altos índices de instabilidade e modificabilidade presentes. A questão se põe de maneira crítica, pois os antigos paradigmas não bastam para encontrar uma explicação plausível. Ramal (2002), afirma ainda que a cibercultura traz novos critérios de verdade e de objetividade, desconhecidos até então. As modificações se dão inclusive na forma de acesso ao conhecimento pois, “trata-se de uma ecologia cognitiva em que o conhecimento se encontra em permanente metamorfose.” (pp. 129-130)

Para um futuro próximo, Lévy (1997, p. 96), afirma que o ciberespaço será “o principal canal de comunicação e o primeiro suporte de memória da humanidade a partir do princípio do próximo século.” Já Ramal (2002, pp. 249-250), visualiza que este ambiente será “a arena das contradições, das relações conflituosas entre os diversos lugares sociais e da disputa entre as diferentes vozes (...)”. Estas novas potencialidades garantem “a riqueza da intersubjetividade, expressada na polifonia, na heterogeneidade, na mistura fractal de raças e culturas, difusa e interconectada por milhares de lugares ao mesmo tempo.”

2- Embasamento Teórico

A pintura rupestre, a carta, o código Morse, o *e-mail* e o *chat* poderiam representar as etapas evolutivas dos mecanismos de comunicação escrita ao longo da história. Antes de qualquer coisa, o que é claro atualmente, é que a velocidade para se enviar e receber notícias, avisos, comentários é impressionante comparando-se ao passado. Além da velocidade e praticidade, outro fenômeno que se modificou muito são as formas de ler e escrever. Desde céticos, que decretam o fim do livro e o início de uma leitura “estéril” denominada “*zapping*”³, até os mais confiantes, que enxergam nas ligações da teia hipertextual, a possibilidade do leitor ser um coautor autônomo, responsável e crítico.

Lévy (1997) afirma que ocorrem modificações nas formas de ler e escrever e que o hipertexto é portador de elementos determinantes nesse processo. O fato de o hipertexto deixar livre o caminho preferido pelo leitor, de certa forma permite que o leitor participe da redação do texto. “A escrita e a leitura trocam de papéis. (...) Com o hipertexto, toda a leitura é uma escrita potencial.” (p. 63)

A lógica hipertextual não pode ser concebida como envolucrada somente no meio digital. Sobre isso, Ramal (2002, pp. 87-88), afirma que, “embora haja quem identifique o hipertexto exclusivamente com os textos eletrônicos, (...) ele não deve ser limitado a isso, já que consiste numa forma organizacional que tanto pode ser concebida para o papel como para os ambientes digitais.” Wandelli (2004) concorda que, muito do que se apresenta em estrutura de ligações, no meio eletrônico, tentando ser um hipertexto, “ainda é feita de obras compostas no modo clássico e meramente acrescentadas de índices, links de uma seção para outra, algumas ilustrações intercaladas e eventualmente som.” (p. 04)

3- Metodologia

³ Zapping : forma de leitura onde somente se lê os títulos, passando-se ao próximo link ou página, sem aprofundamento.

Na tentativa de compreendermos as “novas velocidades, ritmos e olhares” advindas dos meios de comunicação e informação, no nosso contexto sócio-histórico e cultural, decidimos realizar uma pesquisa originada das discussões suscitadas pelo Grupo de Pesquisa Lattes: “Educação Hipertextual nas produções culturais e nas práticas sociais”, na qual problematizamos as novas formas de ler e escrever no que tange às novas linguagens trazidas pelas mudanças de comunicação das mídias, bem como as novas formas de ensinar e aprender que surgem da (ou tentativas de) integração destas novas linguagens na educação e, ainda, da importância e possibilidades de reflexão e das formas de utilização das mídias comunicacionais na educação.

A questão norteadora da pesquisa⁴ era explorar a relação entre a profusão de linguagens (*linguagem*) trazidas pela disseminação das diversas mídias na contemporaneidade (*mídias comunicacionais*) e a crise e os questionamentos que tais transformações, de cunho sócio-histórico, trouxeram para as práticas educacionais (*educação*).

É importante destacar que, nesta pesquisa, recusamos uma abordagem ou discurso de teor universalizante e rígido, que pretendesse circunscrever, recortar, definir e delimitar o objeto e sustentasse uma análise numérico-estatística. Uma pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica se mostrou adequada à temática e aos objetivos buscados. Dessa forma, centramos nossa análise, no presente trabalho, em dois aspectos: concepção dos professores sobre a diversidade de mídias e mudanças de paradigmas (sociedade, escola, alunos).

Com esse objetivo, foi realizada uma Oficina de Educação Hipertextual, entrecruzando o modelo híbrido, presencial e a distância, na medida em que possibilitaria momentos alternados de discussão em grupo e reflexão particular. Assim, programamos cinco encontros presenciais, de quatro horas de duração cada, e outros cinco momentos a distância, sendo que, os participantes teriam uma certificação final de quarenta horas.

⁴ Pesquisa de Dissertação realizada no âmbito do Consórcio EUROMIME (Universidade de Poitiers - França, Universidade Técnica de Lisboa - Portugal e Universidade de Educação a Distância -Espanha)

Dos 39 participantes da Oficina, a grande maioria era do sexo feminino e a média de idade foi de 38 anos. Houve duas grandes concentrações de áreas de estudo entre os professores, sendo que 18 tinham graduação em Pedagogia e 12, formação em Letras.

4- Análise e discussão dos dados

Ao analisarmos o aspecto da diversidade de mídias, percebe-se uma constatação dos professores da ampla variedade dos gêneros discursivos presentes, não somente dentre as novas mídias, mas, também, fazendo referência às linguagens conhecidas da escola de longa data, e nem sempre valorizadas. De uma maneira geral, caracterizamos este aspecto nos referindo aos diversos meios, instrumentos ou linguagens correntes atualmente, demonstrando a heterogeneidade de mídias comunicacionais às quais estamos imersos. Fazem referência, ainda, à convergência de linguagens, citadas constantemente pelos professores, sempre citando os sinônimos de tal categoria no plural.

Os professores se referem a este aspecto de diversas formas, sendo as mais características como *“fontes de pesquisa diversas”*, *“diversas alternativas e possibilidades de tecnologias”* *“diversos tipos de linguagem”* *“maneiras de apresentar os conteúdos”* e *“novas possibilidades de utilização das diferentes tecnologias”*. Percebe-se que a diversidade das mídias é apresentada, tanto em termos de alternativas metodológicas - em termos instrumentais -, quanto em termos pedagógicos, como diversificar as fontes de pesquisa, bem como , na questão da utilização de diferentes linguagens.

São citados os benefícios da utilização de linguagens diversificadas quando outro participante afirma que *“as tecnologias são provocadoras de produção de conhecimento por meio das linguagens que ela medeia.”* Demonstra-se que desta forma, atinge-se um maior número de estudantes e melhora a qualidade das aulas, quando um professor afirma que, *“o uso das inúmeras tecnologias proporcionam aulas diversificadas, interativas, dinâmicas e inovadoras.”* Constata-se que os professores tem presente os benefícios das mídias em diversas instâncias do processo educativo:

como estímulo de produção de conhecimento, como diversificação de linguagens, ferramentas e metodologias, bem como instrumentos úteis para melhorar o resultado das aulas.

Como exemplos destas mídias citados pelos professores, destacamos “*escrita (textos, quadrinhos) encartes de mercado, vídeos, músicas e painéis (...) gêneros textuais, atividades multimídia, etc...*”, “*produção de texto em relação à análise de obra literária, produção de vídeo, peças de teatro, elaboração de webquest, home pages, participação em redes sociais (como veículo de textos e de material didático)*”, “*músicas, imagens, diálogos, além de livros paradidáticos impressos*”, “*‘cuspe e giz’, músicas, dança, fotos, filmes, enfim uma diversidade de portadores textuais.*” E “*cartazes, sketches, dramatizações, PowerPoint, vídeos, jornaizinhos, histórias em quadrinhos etc.*” Destes inúmeros exemplos podemos perceber que os professores tem consciência da diversidade de mídias existentes e que são possíveis de serem utilizadas pedagogicamente. Outro dado importante é a abertura que há, ampliando a visão reducionista de mídia apenas à computador e internet, uma vez que os professores citam linguagens consideradas tradicionais, como “cuspe e giz”.

A alta frequência deste aspecto na fala dos professores deve-se a vários fatores, dos quais, ressaltamos três que consideramos essenciais. O primeiro fator é a constatação do grande contato da geração atual de estudantes, que por alguns é chamada de “nativos digitais”, com as mídias contemporâneas. Outro fator é a verificação, mesmo que em atividades, tentativas ou estratégias incipientes de utilização, que tiveram resultados muito positivos em termos pedagógicos. E um último fator, proveniente da questão dos hábitos e linguagens trazidos pelos nativos digitais para a escola, no que tange aos hábitos de leitura, escrita, comunicação, acesso e organização da informação. Demonstrando consciência disso um professor afirma que “*ao chegar à escola (...), as crianças já tem algum conhecimento de como lidar com computador, uma vez que já trazem essa bagagem do seu meio*”. Porém, sem perder de vista o planejamento e nem deixar de lado antigos métodos, afirma também que “*há diversos outros recursos que se bem planejado podem trazer resultados muito bons. E isso inclui até o quadro/giz, o livro didático, o filme, o celular, etc.*”

Em relação à questão das mudanças de paradigmas, segundo aspecto relevante para o presente trabalho, podemos perceber a partir de diversas citações de diferentes professores, referindo-se as transformações ocorridas na sociedade e que, conseqüentemente, acabaram atingindo a escola, uma vez que o estudante – elo de ligação permanente entre ambas -, está inserido e imerso em todas as modificações fora da escola. *“Creio que iniciamos uma nova forma de nos relacionarmos com o conhecimento. Sem temor e intuitivamente buscamos elaborar hipóteses de resolução das demandas apresentadas. Tudo isso vendo, falando e ouvindo outras fontes.”* (Participante da Oficina) Tais modificações impactam e questionam o modelo escolar a buscar novas formas de se posicionar frente a este novo estudante e a utilizar outras linguagens (fontes).

Muito expressiva a declaração, principalmente, quando um professor cita a necessidade de *“transformar nossa visão, nossa atitude, nossa prática (...) estarmos em harmonia com os novos tempos e paradigmas”*. Tal afirmação é o ponto de partida de toda nossa problemática, hipótese e pesquisa e a busca desta nova visão, atitude e prática, através da Educação Hipertextual, serve, justamente para responder a estes novos paradigmas que se estabelecem. Outro professor reconhece que *“já passamos por diversas mudanças e transformações sociais, culturais e tecnológicas. Por isso temos que acompanhar essas evoluções e aprender a reconhecê-las.”* Tal reconhecimento serve para *“cada vez mais ajudar alunos, professores a se entenderem melhor, haja vista que a globalização transformou nosso aluno em um sujeito construtor do seu conhecimento, fazendo com que a escola/professor busquem alternativas para acompanhar esse novo sujeito.”*

Fica visível, desta forma, o reconhecimento de dois fatores fundamentais para nossa pesquisa: a sociedade está se modificando em termos de comunicação, produção e socialização do conhecimento e linguagens e, os estudantes, imersos nestas modificações, chegam à escola e questionam sua forma de ensinar, seu modo de se comunicar, suas utilizações, ou não, destas linguagens. Esta visão é ainda defendida quando outro professor diz que *“a perspectiva atual da pós-modernidade em educação é justamente que seja voltada para a percepção de um mundo envolto em uma cibercultura globalizada e que exige o domínio de multimídias. Sem essa educação*

multimidiática e cibercultura, o educando perderá o sentido de fazer parte de uma sociedade globalizada.” Inclusive, interessante citar que ainda outro professor identifica estas transformações em termos de estruturas cognitivas: *“Essas tecnologias são provocadoras de novas perspectivas cognitivas e podem possibilitar novas relações com a informação.”*

Entre as conclusões que se podem chegar destas citações, a mais importante se refere ao fato dos professores se reconhecerem como sujeitos de reflexão e de transformação diante da “crise” que se instalou na escola, consequência das modificações sócio-culturais decorrentes da profusão midiática e de linguagens atualmente. Esta constatação é essencial na busca de novas posturas, perfis e paradigmas para a educação.

Em relação ao segundo aspecto Modificações nas linguagens, um professor afirma que *“analisar o processo de desenvolvimento da comunicabilidade humana é uma forma curiosa de analisar a forma com que o indivíduo interagiu e busca interagir hoje com o outro ao longo da história.”* Também outro docente afirma que *“o debate em sala desmistificou sobre os gêneros, e ressaltou que os gêneros são as diferentes formas de usar nossa linguagem.”* Indo um pouco além, outro participante diz que *“refletir sobre a cultura oral, escrita e digital nos permite estabelecer uma relação histórica do homem com o conhecimento, com o ensino e com os outros homens, para melhor compreender essas relações no contexto da sociedade atual.”*

Diante destes debates, os professores percebem as consequências destas modificações, ocorridas historicamente, e seus reflexos nos processos educacionais atualmente. *“Hoje, as mudanças na cultura oral, escrita e digital alteram a maneira com que as pessoas se organizam perante a informação e seu manuseio, são exploradas de forma interativa, ou seja, nascem novas formas de ler, escrever, interpretar, pensar e aprender.”* Mais especificamente à cultura digital, relacionada às novas mídias comunicacionais nos suportes digitais, um professor afirmou que *“a escrita padronizou o oral, o hipertexto inovou a questão da linearidade e a soma de outras linguagens ao mesmo texto; mas elas ainda estão interligadas.”*

É interessante notar que, apesar de muitas vezes a oralidade e a escrita na escola serem vistas negativamente, por conta de aspectos como a memorização sem sentido e

as repetições de escritas inúteis (exercícios de caligrafia para melhorar o traçado da letra), os professores percebem uma integração destas e, assim, uma reinterpretação em conjunto com as novas mídias. Importante ressaltar o aspecto de que as linguagens (sejam elas quais forem) possuem as características de interação, conexão e transformação mútuas. Fundamental analisar, ainda, que todas possuem características que não devem ser desprezadas e que qualquer uma, igualmente, pode ser utilizadas “a serviço das aprendizagens”.

Conclusões circunstanciais

A importância primordial destas análises diz respeito aos problemas enfrentados pelos professores para adequação das linguagens nos processos educacionais às que são trazidas pelos estudantes, habituados as novas mídias comunicacionais e suas novas características.

Diante destas questões avaliamos que a presente pesquisa pode lançar uma luz sobre questões e observações relacionadas às novas linguagens que se configuram no contexto cultural contemporâneo e que emergem das novas condições culturais de expressão dos meios de comunicação e informação. Essas interferências dos meios de comunicação na vida cotidiana redefinem e rompem com as formas tradicionais de pensar, ler, perceber e produzir a informação, provocando grandes desafios e potencialidades para a educação.

Disto, podemos concluir que as reflexões acerca das características e das transformações sócio-históricas das linguagens, nos levam a um questionamento em relação às linguagens utilizadas pela escola, e quais as modificações que devem ocorrer neste contexto para responder as expectativas e aos hábitos dos novos estudantes.

Referências

- AIRES, L. Do silêncio à polifonia: contributos da teoria sociocultural para a Educação Online. **Revista Discursos**. Série Perspectivas em Educação: Novos Rumos e Pedagogia em Ensino a Distância. Lisboa: Universidade Aberta. (pp.23-35), 2003.
- ALONSO, K. M. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre rede e escolas. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas. (v. 29, n. 104, pp. 747-768), 2008.
- FERRAZ, F. S. M. A hipertextualidade enquanto instância dialógica do enunciado. In II Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte. **Anais Hipertexto 2009**. (pp. 01-13), 2009.
- KENSKI, V. M. Novas Tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Informática Educativa**. UNIANDES - LIDI,. (Vol.12, n. 01, pp. 35 – 52), 1999.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- Libâneo, J. C. **Educação escolar, políticas, estruturas e organização**. 2 ed. SP: Cortez, 2005.
- RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- WANDELLI, R. **Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar**. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

Recebido em outubro 2013

Aprovado em novembro 2013